



depeche mode
BLACK CELEBRATION

recontado por **DANILO CORCI**

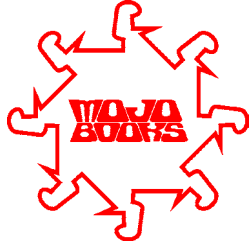
1

Três acordes, variações de ritmo, letras mágicas, escalas sob medida, virtuosismo dos músicos, não importa. *They got their mojo working*. O disco perfeito exala um tipo de magia que não entra só pelos ouvidos, mas toma sua alma emprestada pelo tempo de algumas faixas. E o pacto de encruzilhada, aqui, é feito citando nomes da cultura pop.

Agora, esse feitiço poderoso transforma-se em literatura. Se um disco pudesse ser convertido em palavras, que história que ele contaria?

Narrativas variadas, com amores, brigas, violência — por vezes tristes como algumas canções ou com o ritmo ágil de um bom rock n´roll — estão espalhadas pela coleção.

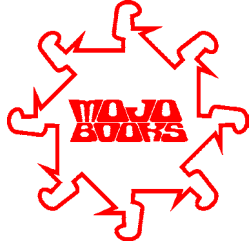
Danilo Corci
organizador



VOLUME 1

BLACK CELEBRATION
depeche mode

recontado por **DANILO CORCI**



VOLUME 1

BLACK CELEBRATION

depeche mode

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

projeto gráfico e diagramação **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Dezembro de 2006

I.

Oi. Hoje descobri que tenho câncer. É. Bizarro, não? Mas não deixa de ser natural também. O médico, ah, ele me disse que tenho duas opções. A primeira é quimio, radio e alguns medicamentos para aliviar a dor. A segunda é morfina e deixar o tempo correr. Claro que, como um bom doutor, ele me disse que a primeira opção era a mais sensata, a mais eficaz, a que deveria ser escolhida imediatamente. Ele já queria me colocar numa sala e mandar bala. Exatamente com estas palavras: “Vai pra sala e manda bala.” Que rima de bosta.

Sai de lá. Já sei o que vou fazer. Não têm muitos porquês, no final das contas. É assim que tem de ser. Pode ser interessante me entupir de morfina e deixar o tempo escoar, ver o que acontece. Ninguém me obriga a fazer longuíssimos tratamentos para ter meia-vida, correto?

No caminho para casa, acelerei o máximo que pude. É, na avenida mesmo, foda-se. Via mosquitos se espatafarem e virarem um caldo no pára-brisa do carro. Um magnífico poder que será usado contra mim. Agora.



— Libertário o cacete, porra. Por que será que todo mundo sempre me achou um libertário, sendo que nunca fui um desses bostas?

— Relaxa. Ivan, o que é isso mesmo que você colocou pra tocar?

— *Black Celebration*.

— Depeche Mode? Você ainda ouve isso? Cara, já passou. Pode até ser legalzinho, sabe, mas deixa pra trás. Atormentadinho sem ter coragem de assumir é um saco.

— Não é isso.

— Cara, você tem mais de trinta anos e já entrou na onda de viver do passado. Já já vai querer arrumar um *hobby*. Meu Deus, um *hobby*. Que visão do inferno...

— Bah.

Essa era Steffi, minha menina perfeita. Tá bom, ela se chamava Estefânia e sempre foi minha fixação, muito mais do que amor ou tesão. Uma fixação que beirava o clichê, mas que mesmo assim sempre foi divertida. Já nem me lembro direito quando isso começou, e no final das contas, nem importa mais. Só me lembro que ela estava com um vestido simples, mas espetacular – sempre admirei isso. Preto. Toda vestida de preto. Quando a vi, soube imediatamente que ela era a menina perfeita. Sem dramas ou frescuras. Apenas




sabia. Foi bem legal a sensação de descolamento da realidade. Mas também sabia que aquilo estava bem longe de ser amor — afinal, amor era uma palavra poética demais e eu não estava nem aí, não me importava picas. Algumas vezes é necessário questionar tudo, outras não. Fiz assim com ela.

Mas Steffi tornou-se uma obsessão. Nem ir para a cama resolvia. Mesmo quando sua maquiagem borrava cada vez mais e me deixava ainda mais excitado. Ok, quem a visse no mundo real, não pelos meus olhos, talvez nem a notasse como deveria, afinal ela não passava de uma versão bagaceira daquelas lourinhas da porta do Colégio Objetivo. Mas era a minha menina perfeita, então, quem se importa? Eu? Nem mesmo eu. De modo algum. Eu estava muito mais preocupado com outras coisas patéticas para prestar atenção nas rugas que formavam em seu rosto quando ela sorria com alguns de seus dentes encavalados, na pequena lágrima que escorria lentamente quando estava muito excitada. Eu não me importava. Não mesmo.

Aliás, essa noção de importância sempre me pareceu fraca. Esperam cumprimentos, esperam gentilezas, esperam maldades, esperam, esperam, esperam... Todo mundo espera alguma coisa, e agora eu só espero a morte, que deve estar faminta me devorando por dentro. E espero um pingo de coragem para falar isso para Steffi. Mas não hoje. Não hoje à noite.



- 
- Ivan?
- Sim?
- Tem alguma coisa errada com você?
- Não, Steffi, não.
- Você ficou ofendido porque falei do disco?
- Não.
- Mesmo?
- Claro.
- Você parece meio estranho...
- Não estou. Só sono.
- Ah.
- É, sono. Você acabou comigo hoje. Tava inspirada, eu diria.
- Vá cagá.
- Justo.
- “Tá bom”, pensei. “Fiz isso a vida toda; mais uma vez, não vai fazer a menor diferença. Hora de fingir dormir.”

II.

Dois anos atrás eu li o maldito Hornby e comecei a catalogar tudo na minha vida. Das cinco partidas de futebol mais importantes às cinco situações mais constrangedoras pelas quais já passei. Depois disseram que isso era estúpido e acreditei piamente. Catalogar não fazia sentido porque se catalogar algo fosse realmente importante, os bibliotecários seriam monstros sagrados, mesmo com a Rachel Weisz dizendo com pequena raivinha na voz “*I’m proud to be a librarian*”. Tá bom, Weisz, eu casaria com você hoje, mesmo que você fosse bibliotecária – se existisse uma assim, talvez a masturbação *nerd* mudasse de foco. Mas não existe, assim como minha catalogação sempre se baseou em fraudes — ah, invenções, invenções, como eu as adoro. Dois anos atrás eu perguntei se Steffi queria morar comigo, mas até isso foi inventado. Eu não queria, mas perguntei assim mesmo. Ela respondeu que não, claro, não moraria comigo, mas queria continuar trepando mesmo, “tudo bem?” Que diabos uma fraude como eu devia responder? Óbvio que sim, dizer não estava fora de cogitação. Dois anos atrás imaginei que poderia largar tudo e



virar assassino de aluguel, um besta qualquer que brincaria de Deus por trocados. Reinventar a ordem cósmica por dinheiro. Isso seria legal, mas eu não conseguiria. Muito trabalho. Não quero trabalho, quero facilitação. Dois anos atrás eu queria o simples. Hoje, nem isso. Quero ver o tempo escoar, ir embora.

Outro cigarro aceso. Steffi dorme. Ela é linda. Nada mais lógico. Já disse que ela é minha obsessão? Não se trata de complexo nem nada. Durante anos ouvi falar que a morte traz novas expectativas e que coloca um monte de coisas em perspectiva. Bah, nem um pouco. Tudo continua igual; talvez se eu falar aqui e ali, ganhe estalos de simpatia. E daí? Simpatia em excesso é um saco. Simpatia já é uma palavra sacal. Fodam-se os simpáticos, a eles o reino do céu, com muita nuvem de algodão-doce e asinhas branquinhas. Espero que sejam abatidos a tiro no ar. Continuo a ser um cínico, mesmo filosofando madrugada adentro com um cigarro aceso entre os dedos. Cinismo é sinal de covardia, claro, sempre me falaram isso. Aliás, quantas coisas me falaram em todo esse tempo... É um tanto deprimente me dar conta de como tenho a capacidade de armazenar dados inúteis quando já nem me lembro da equação de segundo grau – que também é uma coisa, a princípio, inútil. Disso eu não me lembro, mas lembro que me disseram que cinismo é arma de covardes. Covardes reclamam, cutucam e fogem. Do quê, diabos, estou falando?



Sei lá se sou covarde. O que sei é que estou mais próximo de ser um cuzão do que um covarde. Gostaria de pensar em outras coisas agora, de me lembrar de coisas diferentes e parar de fazer julgamentos insanos. Gostaria muito de me lembrar daquela receita de algodão-doce que só minha avó fazia e do qual eu podia me gabar entre os pequenos amigos de então. Ou então me lembrar do dia simples e calmo, quando o vapor de uma xícara de chá de menta misturado com o gosto da saliva doce da menina, o beijo perfeito, me fez chorar como uma criança perdida. Cheiro e gosto de coisa boa, uma situação que já nem sei mais se vou encontrar em algum momento. Mas de que gostaria muito, muito mesmo.



III.

Quinze anos atrás. Antes de pensar em como dominar o mundo ou conquistar 24 territórios à minha escolha, conheci Steffi, e ali conheci muita coisa.


Quinze anos atrás eu pensava que podia brincar. Ouvia músicas e imaginava roteiros bacanas para elas, os motivos de suas composições, como poderia juntar ruídos aqui e ali para formar melodia e harmonia (alguém sabe de verdade como elas funcionam?). Contava com risadas a história do maldito cachorro que ressuscitou, sim, que, se não fui enganado, aconteceu com um amigo meu — seu boxer tosco desenterrou o poodle da vizinha e ele, no desespero, achando que Musgo (era o nome do bicho) havia matado o filho da puta do poodle, deixou a coisa branquinha cheia de terra esticada na garagem da vizinha. Pimba! Ela viu e teve um chilique, porque o totó (genérico, não me lembro mais do nome dele) havia batido as patinhas uns três dias antes. Musgo, o caçador de carniça de poodle. Eu adoraria ter um cachorro cretino como ele, ainda hoje. Quinze anos atrás, um mundo cheio de nada – mas ao menos um monte de “nada” divertido, acho.



Foi ali, ou melhor, um pouco depois, que inventei (já disse que sou inventivo?) a história de banda. Nada como colocar no liquidificador as numerosas bobagens aprendidas ou falsificadas metodicamente; afinal, bandas que usam apenas teclados definitivamente não podem ser sérias, mesmo que posem como tal. Mas isso não importa, eu coloquei um baixo no meio. E funcionava. Mesmo nos *shows*, em que meia dúzia de pessoas bocejavam. E eu lá estava preocupado com isso? Minha vaidade ficava onde? Esse era o ponto principal: vaidade. E meninas, claro. Cinismo + vaidade = um babaca com uma grande ferramenta de manipulação nas mãos.

Desse período, não tenho muito do que reclamar, nem para me exaltar. Mas exaltar é sempre mais legal, não? Tocava mal pra caralho, mas aprendi a trepar por conta da banda. De verdade. Nem eram *groupies* ou qualquer besteira do gênero, mas era a facilidade das viagens, do estilo que permitia chegar a qualquer lugar e ser observado em detalhes. Daí bastava subir num palco, arranhar qualquer coisa, descer, buscar cerveja e se aproximar de quem observava. Bobas meninas bobas. Duas ou três frases de efeitos, alguns sorrisos lentos e bem postos e bingo!, atrás da casa servia. A calcinha abaixava na mesma velocidade em que eu tentava fazer qualquer coisa. Um clichê ambulante que me servia.





Cerveja, cigarro, qualquer coisa pra ajudar. Até suco de goiaba. Sim, suco de goiaba num show em Passa Quatro. Os caras de lá tiveram as manhas de oferecer suco de goiaba. Cerveja? Não, só suco de goiaba. Como alguém que finge se levar a sério pode aceitar suco de goiaba? Também, quem mandou ir tocar em Passa Quatro? Tá mais do que na cara que se você quiser, de verdade, fazer algum tipo de sucesso ou viver de música não pode aceitar tocar em Passa Quatro. Isso é coisa pra banda sertaneja de que ninguém mais se lembra ou nunca ouviu falar. Pensando bem, talvez tocar em Passa Quatro e ter aceitado o suco de goiaba não tenha sido um equívoco.

Por que fico lembrando dessas bobagens? Costume besta esse, organizar cinematograficamente e em perspectivas as coisas. Tudo parece muito mais divertido do que é de verdade. Só a Steffi deitada ao meu lado me parece algo diferente. Acendo outro cigarro —, isso já não vai me fazer mal. Ah, Estefânia e aquele seu maldito vestido novo, que ela fez questão de me mostrar. De mostrar e de tirar, para me deixar com cara de estúpido. Isso também já faz tempo. Um dia para chamar de perfeito, todo mundo tem um assim; então é banal, mesmo eu achando que o meu seja um pouco mais especial do que de qualquer outra pessoa. Porra, era a Estefânia, a menina que tinha os dedos completamente

tortos. Se ela quisesse apontar pra direita, eu correria o risco de ir para a esquerda. Dia contente, dia tranqüilo. Já nem me lembro dos motivos que me fizeram não ir ao trabalho, mas pude fazer coisas que realmente me importavam, e com isso quero dizer ler e ouvir música, procurar coisas novas. Meu cúmulo de paz. Até que toca o telefone. Era ela me chamando para sair mais tarde. Óbvio, não era exatamente porque ela estava morrendo de vontade de me ver, depois descobri que ela queria testar o efeito do seu vestido novo. Ela não se importava, mas queria me deixar cada vez mais incomodado. Não sei exatamente os motivos que a levaram a perder o controle — talvez tenha ido longe demais ou bebido demais. Nada aconteceu, não deveria acontecer naquele dia porque ele era perfeito e, se eu deixasse a coisa parar na cama, o que eu queria e muito, estragaria tudo — ou melhor, estragaria qualquer chance que eu imaginasse ter num futuro próximo. Dito e feito. Mas aí teve o Renato, bom e velho camarada de bebedeiras e um dos poucos que suportaram com maestria os numerosos shows estúpidos que minha banda fazia. Ele e Steffi combinaram e combinavam. Eu me fodi. Foi a questão do tempo, como sempre.



IV.

- Vou te perseguir.
- A troco de quê? — perguntou Steffi
- É, verdade...
- Deixa disso, cara.
- Tá bom, era pra ser uma piada.
- Com você, nem sempre tudo é piada.
- Hm...

Dia lindo. Estávamos ouvindo o mundo passar à nossa volta, lesados, preguiçosos. Eu, Steffi, um monte de pessoas das quais não me lembro mais. Comidas variadas, conversas nem tanto — sim, os assuntos sempre giravam em torno de coisas muito básicas: música, cinema, literatura, uma ou outra bobagem que alguém fez e achou divertido contar como, talvez, esses pensamentos que voam em *flash* na minha mente.

- Não é, Ivan? — perguntou Fábio
- ãh?

— Estas cantoras. Nina Simone, Etta James, Bessie Smith, Billie Holliday eram góticas, mas não sabiam.

— De que diabos você está falando?

— De música triste, pô.

— Isso não existe.

— Como não? — intrometeu-se Steffi

— Ah, que saco. Deixa eu falar qualquer coisa, nem tava pensando.

— Bobo — ouvi em coro.

Na verdade, estava. E como. Pensava nas relações mais esdrúxulas que já tive na vida, pensava em como não sabia o que fazer na maioria delas, pensava também em como não sabia o que fazer para seguir adiante. Tudo e nada ao mesmo tempo. Situações desconfortáveis que me levavam a fingir um contentamento que eu tinha certeza de que não sentia. Desconforto é um sentimento traiçoeiro, que te faz, às vezes, ir mais longe do que seria capaz, que te faz fingir e mostrar um lado seu que não existe. Era exatamente como me sentia naquele momento. Era exatamente o que minha vida estava me mostrando. Aí o Renato chegou, fez festinhas para todos e pegou Steffi. Foram embora de mãos dadas, olhando algumas vitrines na rua, com uma atmosfera mágica de felicidade que parecia vazar de cada poro dos seus corpos. E eu fiquei ali, observando.




V.

Hoje descobri que tenho câncer. No final das contas, isso importa de verdade? Tá, podem falar de cagaço — e quem não tem? Podem falar palavras doces de incentivo. Você supera, você pode ir além, você pode ser um vencedor, isso é um desafio colocado em sua vida. Será que existe um Metástase Anônimos? Tomara que exista, assim terei o pequeno prazer de me negar a freqüentá-lo. Nessas horas, parece que todo mundo se importa, mas, de fato, um ou dois, talvez. De resto, é socialmente interessante dizer “puxa, força aí”, “coitado”, “ah, isso dá pra superar”, “tem tratamentos bons”. Não se foder, todos. Por que se importam, se eu não me importo? E nem é o discurso de um coitadinho pirado pela situação. Eu não me importo. Tem gente que tropeça e cai, se machuca, ri e boas. Eu estou com câncer, uso a mesma lógica. Mata? Mata, mas e daí? Doses cavalares de Elma Chips também devem matar. Perdi a vontade de ser relevante há muito tempo; então, de resto, o que sobra? Se tivesse um filho, talvez ele se lembrasse de mim em algum momento — seria muito novo pra ter uma lembrança completa. Quando, e se, ele ou ela tivesse um

outro filho — um neto! — então eu já seria um rascunho do passado. Viveu, comeu, morreu. Nossa relevância é tão pontual que ao renunciar a ela deixa tudo mais fácil. Tá, em alguns casos você poderia até ser acusado de ser egoísta e o diabo a quatro, mas *so what?*, sempre quem fica se fode mais. Portanto, não tenho nada a ver com isso, nem ninguém, porque quem fica ganha o lucro de dizer que cresceu, que enfrentou uma barra e se tornou mais interessante. Quem se vai nunca vai dizer absolutamente porra nenhuma. O silêncio, com isso, é bem-vindo para mim.



VI.



Você já pensou na velocidade que o cheiro de pólvora atinge até chegar às suas narinas logo após acender um palito de fósforo? Esse era o quinto ou sexto cigarro consecutivo que acendia. Steffi ainda ali, dormindo. Já, já deve acordar e se mandar. Foda-se também. Ainda posso ouvir trechos de *Fly on the Windscreen* ecoando em minha mente. Diabos, será que só eu que gosto deste álbum? Ouvi barulhos vindos lá de baixo em meu apartamento no 14º andar. Adoro barulhos sem sentido, cacafonias quase silenciosas. Ruído é uma coisa engraçada. Em geral, há sempre um equilíbrio. Enquanto uma coisa atinge a escala dez, outra fica no zero, o que dá o perfeito cinco gorducho. O problema é que quase sempre essa harmonia não existe. E esforço-me pelo silêncio absoluto, ruidoso, daqueles que zunem na mente igual ao barulho absoluto de uma sinfonia entre Neubauten, Swans e Slayer em volume máximo.

A cacofonia silenciosa ilude o pensar, como a cacofonia pura exaure a mente. Por isso, coloco sempre um barulhinho no ouvido, nem que minúsculo, capaz de me fazer funcionar

novamente. Ruído lá debaixo, ruído da Steffi respirando. Queria ser feliz, mas esse estado absoluto é uma capacidade que está além das minhas forças.

Levanto-me. Hora de espiar pela janela, que me distrai com sua pequena luminosidade vazando dos poros de ventilação. Isso sempre foi uma coisa que me fascinou, esse poder de refração, que às vezes ilude o olhar e é capaz de transformar paredes tristes em desenhos magníficos. Gostaria muito de ter um pincel atômico agora para rascunhar as formas que surgem, que dão um certo sentido ao meu pequeno desânimo. Puta que o pariu, como eu gostaria de ser sincero, de verdade, uma vez na minha vida.



VII.

Eu sempre quis um barco. Um porquê eu não saberia dizer. Queria poder dar uma volta por ali e por outro lá, mas isso nunca aconteceu. No máximo, um botezinho furreca inflável para tentar pescar em ambiente controlado, uma ode patética à bobagem concreta. Adaptar-se aos modelos definidos é bem fácil, sempre consegui fazer isso, mas sempre faltou o passo além, ou melhor, isso no ponto de vista de quem sempre disse se importar comigo. Steffi disse isso, outras pessoas disseram isso. E, entretanto, nunca levaram em consideração que eu só estava ali de corpo presente, mas nunca com a cabeça ou alma — se é que isso existe de fato. Uma preguiça concreta, absoluta, firme, sempre foi uma de minhas melhores amigas. Qualquer coisa, bastava ligar a cara *blasé* para dar um pouco mais de credibilidade às minhas vagas afirmações e às minhas idéias sem sentido. Funcionava que era uma beleza. Trabalho, vida social, vida sexual. Uma penca de coisas monitoradas de perto pela minha falta de boa vontade. Era bom. Não, é bom. Não quero muito trabalho, de fato.

VIII.

Tapete vermelho.

Cadeira azulada ganhando detalhes de desbotamento pelo tempo.

Janela ao fundo. Não há sol, apenas detalhes de um dia cinzento que invadem a parede branca, em efeitos granulados de janela perfurada.

À esquerda, uma pequena mesa com pintura descascada recebe a coloração alaranjada de uma pequena lâmpada quente, ruidosa até.

Em pé, a menina segura a foto. Um retrato mal definido, quase em borrão.

Do lado de fora, o garoto segura a foto descrita acima. Vê os detalhes, sabe que não era não é um retrato, é até mais real. Sente-se uma criança. Nem percebe os pingos de chuva que rebuscam ainda mais aquele pequeno pedaço de papel.

Clichê. Inegável. Então eu descubro que vou morrer e não vai demorar muito. Começo a fazer listas mentais de quantas vezes estive diante da morte. Tapete vermelho, cadeira azulada. Diabos,





essa é a única lembrança que tenho de quando minha mãe morreu; um pequeno garoto segurando uma foto, foto de minha mãe de quando era jovem. Não consigo me lembrar muito mais do que isso, só desse fato. Não sei por quanto tempo fiquei pensando no motivo de não me lembrar. Alguns dizem que é trauma, que eu deveria procurar uma terapeuta (só se for pra comê-la). Talvez eu seja apenas um filme norte-americano, no qual tudo quanto é bizarrice é justificada por algum abuso na infância. Tá, não fui abusado, mas fui traumatizado, ok? Cínico. Não tem nada disso, trato minha lembranças como edição. Algumas coisas ficam, outras devem ser eliminadas. Foi assim com essa lembrança. É assim com várias outras.

Não deixa de ser engraçado o quanto nos forjamos com lembranças; elas são parte essencial para nossa vivência. Nem levo em consideração aprendizado, repetição, lembrança marcada. Como todo mundo, eu seleciono, mas não gostaria de fazer isso. Essa seleção sempre vem me assombrar.

IX.

Tento pensar em coisas engraçadas. O que mais eu poderia lembrar de divertido? Não sei, nunca fui muito das pessoas consideradas divertidas. Então, é bem mais complexo mesmo organizar as coisas, pensar, filosofar. Isso fica muito melhor com doses variadas de álcool; nem sei por que perco tempo com esse trabalho imaginativo. Aliás, imaginação sempre foi muito mais o meu forte do que experiências concretas. Olho para Steffi e sou capaz de pensar em coisas. Olho para a janela que abri para deixar a fumaça de cigarro fugir e toneladas de idéias e besteiras invadem meu pensamento com uma lucidez que nunca julguei ter — também, nunca havia pensando assim antes.

Steffi se mexe, deve estar respirando fumaça. Naquele momento, não havia mais suor. Nem sorriso. Muito menos pele quente de contato. Eu sentia uma fragrância pura, de contentamento e pequeno cansaço, que preenchia o espaço deixado pelas palavras. Não havia necessidade mais de música, voz. Via pequenas piscadelas incontroláveis, ligeiros tremores que percorriam seu corpo. Tudo o que queria estava ali, em braços que se entrelaçam num



abraço próprio. Opa, cuidado, Ivan. Momento único, perigoso, muito próximo de uma paixão absoluta que poderia te consumir. Ah? Como assim? Te consumir? Ué, já não tem algo no seu corpo que te consome neste exato momento?

Certo, já nem sei mais o que pensar, ou melhor sei exatamente o que pensar. Quero evitar o máximo possível. Seria bem bom traçar uma derivativa na minha própria cabeça, mas as minhas, ultimamente, têm sido sempre as mesmas.

Outro cigarro. Vamos lá, Ivan, você consegue. Seu maço ainda está pela metade.

X.

Dois meses atrás eu era exatamente o mesmo. Andava para lá e pra cá, via amigos, falava besteiras, comia, bebia, fumava, tudo normal, tudo tranqüilo. É engraçado colocar as coisas em uma nova perspectiva de uma hora para outra; parece ser uma missão bem complexa, mas não é. Dois meses atrás minha grande preocupação era como lidar com meu trabalho chato. Dois meses atrás tomei um porre gigantesco, que me levou ao hospital pela primeira vez na vida e terminou com uma tremenda ameaça de ser preso porque resolvi assediar a enfermeira gorda nojenta. Coisas sem noção que todos fazemos, eu também tenho lá minha cota completa que poderia listar. Dois meses atrás eu já havia esquecido que a Steffi existia, até que ela apareceu novamente, linda. Eu sabia que, novamente, não iria funcionar, mas nem questionei. Pequenos momentos roubados me deixam contente. Dois meses atrás eu atropelei uma pessoa pela primeira vez. Sou um baita de um bom motorista, mas a vaca entrou com tudo na frente do meu carro, pô! E agora ainda tenho de lidar com um maldito processo. Que bom! Se tudo der certo, ela vai enfiar o dinheiro



no cu, no cu. Isto é, se houver dinheiro. Como será a formalidade? “Seu juiz, sabe o que é, meu cliente não pôde comparecer porque ele teve um contratempo. Tá na cova, sabe?” Ou, “seu juiz, sabe o que é, meu cliente tá com câncer, coitado, acho que, na verdade, a ré é quem deveria custear as despesas. Afinal, tudo aconteceu depois que ela se jogou na frente do carro dele”.

Dois meses atrás eu gostava de ouvir música. Hoje esse disco interfere em qualquer outra canção que eu tenho mentalizar. Deve ser uma fixação neurótica mesmo. Ou um puta cagaço.

XI.

Não pregar os olhos durante a noite é uma constante. Nem me preocupo mais com isso. Há anos convivo com isso e, no final, sempre me deu mais tempo — muito trabalho e pouca diversão fazem de Jack um bobão. Quase três horas da manhã, e vejo-a despertar.

(Fale para ela, fale pra ela, fale)

— Bom dia, querido. Achei que perderia a hora.

— Bom dia. Você sabe que nunca perde.

— Verdade. Foi divertido, não?

(Fale para ela, fale pra ela, fale)

(Fale para ela, fale pra ela, fale)

— Como sempre, Steffi.

— Acho que está na hora de me mandar. Você sabe como funciona.

— É, eu sei. É um saco, de verdade, Steffi.

— Poxa, mas você sempre soube...

(Fale para ela, fale pra ela, fale)

(Fale para ela, fale pra ela, fale)



— Eu sei, eu sei...

(Fale para ela, fale pra ela, fale)

— O quê, Ivan? Por que você não me falou ontem, diabos?!

— Eu falei, caramba.

— Porra, você devia ter me dito ontem!

— Mas eu disse.

— Meu Deus, você é bobo, é?

— Talvez.

— Talvez uma pinóia, é mesmo.

— Talvez.

— Devia ter me dito ontem! Você sabe muito bem que hoje eu não posso. Hoje vou estar com o Renato e ponto final. Presta atenção antes.

— Mas...

— Não tem mais, você tem de aprender a deixar de ser bobo.

Eu estou com o Renato, ok?

— Mas eu preciso de te dizer uma coisa...

— Não tem nada pra dizer, Ivan. Nada, porra, meu. Que saco, você parece querer controlar minha vida, vá se foder. Você acaba de estragar uma noite que tava ótima. Saco, saco, saco.

— Mas...

— Ah, eu vou é embora, isso sim.



Vejo-a pegando as roupas com irritação. Ela sempre foi desse jeito, estourada, nervosinha, sem me dar chance de falar nada, nem ao menos planejar nada. E, claro, como sempre não disse nada, nada de verdadeiro para ela, só bobagens que a levavam a se comportar assim. Afinal, como poderia eu dizer? Falamos de amor e confiança, só isso. Bom, não importa. Sinto-me bem agora, mas sei que só agora.

FIM



SOBRE A BANDA:

Em 1976, na pequena Basildon, Inglaterra, Vince Clarke e Martin Gore juntam-se para formar o No Romance in China. Entre mudanças de nome, o Depeche Mode surgiu em 1980 com a dupla nos teclados, Andrew Fletcher (teclados) e Dave Gahan nos vocais. *Speak and Spell*, 1981, foi o primeiro álbum e marcou a saída de Vince Clarke. Alan Wilder se junta à banda em 83, que se consolidou como uma das mais importantes do Synth Pop. Na década 00, Wilder deixa a banda. *Black Celebration* é o quinto álbum lançado em 17 de março de 1986. O então estilo electro-pop, constante nos álbuns anteriores, uniu-se à atmosfera um pouco mais soturna, com timbres e passagens melancólicas, que marcaria a banda até o lançamento de *Music for the Masses*, uma negação de *Black Celebration*. Até 2006, a banda tinha dezoito álbuns gravados.

CRÉDITOS ORIGINAIS:

Black Celebration - Depeche Mode

Fotografia da capa original por Stuart Graham

Design da capa original por Brian Griffin

Lançado em 17 de março de 1986

Selo: Mute Records / Sire Records

Produzido por Depeche Mode & Daniel Miller

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.depechemode.com

SOBRE O AUTOR:

Danilo Corci é formado em Produção Editorial, pela ECA-USP. Trabalhou na *Folha de S.Paulo*. Criou e dirigiu as redações de conteúdo dos portais BrTurbo e Megazon. Atualmente é redator da Tribal Agência Digital e editor da revista Speculum.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- * copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- * criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

* Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

1 BLACK CELEBRATION

DEPECHE MODE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. BLACK CELEBRATION
2. FLY ON THE WINDSCREEN
3. A QUESTION OF LUST
4. SOMETIMES
5. IT DOESN'T MATTER TWO
6. A QUESTION OF TIME
7. STRIPPED
8. HERE IS THE HOUSE
9. SOMETIMES
10. DRESSED IN BLACK
11. NEW DRESS
12. BUT NOT TONIGHT

